

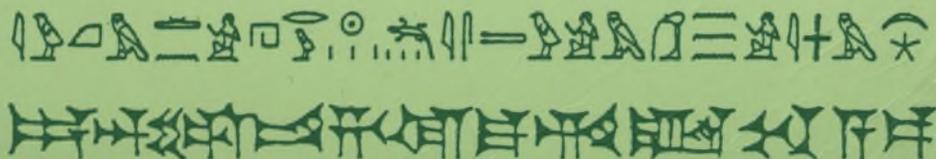
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

2



E D I C O E S
C O S M O S



dialecticamente uma impossibilidade de ir além e uma impossibilidade de ficar aquém. Aqui se delimitam as subtilezas de solidariedade e dependência, originalidade e criatividade, que vão implícitas no próprio acto hermenêutico.

O anão aos ombros de um gigante é uma metáfora bem expressiva da relação hermenêutica, em que os actuais intérpretes se podem colocar sobre toda a marcha hermenêutica que os precede. É o espaço do argumento de autoridade relacionado com o espaço da liberdade exgética.

A conclusão (pp. 163-171) recolhe o essencial dos temas do livro, nomeadamente apontando para a composição da imagem representada pelo conceito de escrita, de exegese e de hermenêutica em geral, sem esquecer uma sugestiva perspetivação das relações entre poder e saber e do exercício de algum decisivo poder através do exercício do saber.

A bibliografia é particularmente bem cuidada (pp. 173-193), sobretudo no que toca às fontes manuscritas, dado que muito das obras de Mordekhai Komtino e dos outros seus contemporâneos com os quais ele convive não chegaram a conhecer a edição, uma vez que estiveram activos numa época e num contexto que não lhes facilitou oportunidade de publicação.

José Augusto Ramos

W. V. DAVIES, *Egyptian Hieroglyphs. Reading the Past*, The Trustees of the British Museum, British Museum Publications Ltd., Londres, 1967, 64 pp. ISBN 0-7141-8063-7.

São já bastantes as obras que se propõem apresentar, de uma forma breve e sucinta, as linhas de base da escrita hieroglífica, numa linguagem acessível ao grande público para quem serão, em princípio, inalcançáveis os volumes especializados que constituem as clássicas gramáticas egípcias (nomeadamente as de Gardiner, Lefebvre e Erman, e até mesmo as menos encorpadas de Pierre du Bourguet, H. Brunner, A. de Buck e B. Menu, entre outras). Este pequeno volume de Vivian Davies, operante egiptólogo do British Museum e membro do CIPEG (Comité Internacional para a Egiptologia), é mais um elemento que se coloca à disposição de quem quiser apreender as bases gerais da escrita hieroglífica. Tal temática vê-se

naturalmente condicionada pelas dimensões próprias da obra às quais o Autor teve de se submeter, como de resto ele mesmo assinala no prefácio (p. 3):

«The limitations of this book should be stated at the outset. It is simply too brief to do justice to a system of communication as complex and many-sided as the hieroglyphic writing of ancient Egypt. The account of the subject presented here has had to be very selective, covering, in an introductory manner, only those areas that I believe to be of the greatest importance and interest.»

A Obra divide-se em seis capítulos, dispondo o leitor logo no primeiro (1. The language, pp. 6-9), para apoio da matéria apresentada, de um mapa do Egípto e do Sudão (abarcando por isso quase toda a extensão nilótica, do Delta a Khartum, na confluência do Nilo Azul com o Nilo Branco), na p. 7, e de uma tábua diacrónica mostrando os diferentes estádios do desenvolvimento da língua egípcia (do egípcio arcaico das primeiras dinastias ao copta, isto é, de 3000 antes da nossa era a cerca do ano 1000 da nossa era, em pleno domínio árabe), na p. 8.

No capítulo seguinte (2. The Scripts, pp. 10-29) o candidato à iniciação é levado a aperceber-se da evolução das várias formas de escrita utilizadas, ao longo de três milénios, pelos antigos Egípcios: a escrita hieroglífica, sobretudo reservada para contextos essencialmente religiosos ou monumentais; a escrita hierática, uma adaptação cursiva e simplificada das formas hieroglíficas; a escrita demótica, surgida tardiamente como evolução das formas hieráticas; e a escrita copta, baseada no alfabeto grego e mais seis caracteres tomados do demótico para grafar fonemas desconhecidos na língua grega. Inclui ainda este capítulo um apontamento acerca dos escribas e da aprendizagem da escrita, e contém elucidativas ilustrações que em muito auxiliam a compreensão do texto: é o caso dos exemplos referentes às várias posições que a escrita hieroglífica poderia tomar (p. 12, com textos iniciados da direita para a esquerda, que era o método generalizado, da esquerda para a direita e de cima para baixo), exemplos de transposição gráfica devida a considerações de ordem estética e caligráfica (p. 13), de anteposição honorífica (p. 13), de hieróglifos mutilados, reflectindo imposições de ordem mágico-preventiva (p. 19), e ainda imagens de formas hieroglíficas apresentadas no seu preponderante e muito reclamado aspecto amulético com forte carga profiláctica (p. 20), vendo-se os conhecidos signos *sa* (protecção), *ankh* (vida), *udjat* (restauração e perenidade), *djed* (estabilidade), além de outros menos divulgados

como o *deret* (a mão), *her* (o rosto), etc. Chamam igualmente a atenção do leitor, pelo seu elevado significado documental, as imagens que reproduzem a última inscrição hieroglífica conhecida gravada no Egípto (um texto mural do templo de Isis em Filé, datado do ano 394 da nossa era, no reinado do imperador Teodósio) e o primeiro texto hieroglífico que faz referência às novas palavras para carro e cavalo, respectivamente *uwerit* e *sesemet*, datadas do início do Império Novo e recolhidas num túmulo de El-Kab (ambas as imagens encontram-se na p. 11).

O capítulo 3 (The Principles, pp. 30-40) apresenta-nos, de uma forma airoosamente simplificada, os princípios básicos do sistema hieroglífico, com listagem de alguns ideogramas e explicação do seu papel e posição no contexto geral da escrita, os fonogramas, com as suas três divisões fundamentais em unilíteras («uniconsonantal signs»; pp. 31-32), bilíteras (ou «biconsonantal signs», p. 32) e trilíteras (ou «triconsonantal signs», p. 32). Em seguida o sistema é desenvolvido, a partir do desdobramento dos signos e a forma como por vezes surgem no texto (o uso dos complementos fonéticos para explicitar a leitura), após o que são introduzidos novos signos indispensáveis para o funcionamento do sistema: os determinativos (com uma vintena de exemplos na p. 34). Questões ligadas à simplificação das formas, à vocalização (pp. 36-37) e às origens do sistema (pp. 37-40) completam o capítulo, o qual inclui ainda a apresentação, com imagem e texto, da célebre paleta de Narmer, que é justamente um dos mais antigos e importantes exemplos para documentar o aparecimento e desenvolvimento dos signos hieroglíficos (p. 39), alguns dos quais remontavam já à época pré-faraónica.

A Little Basic Grammar (pp. 41-46) — eis uma bem esquematizada súpula de noções basilares que Vivian Davies oferece aos iniciados para uma apreensão valorizadora. Do género e número à coordenação frásica, dos casos de formação do genitivo (directo, indirecto e pronominal) às preposições, vão-se adquirindo conhecimentos que levam à construção de frases simples, acrescentando-se os numerais, para depois se rematar este quarto capítulo da obra em bom método de aplicação gardineriano: o nome real (pp. 44-45; cf. Sir Alan Gardiner, *Egyptian Grammar*, 3.^a edição revista, Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford, 1957, pp. 71-76: «Excursus A. The Titulary and other Designations of the King»); a datação (pp. 45-46; cf. Id., pp. 203-206: «Excursus C. The Division of Time and Method of Dating»); e a fórmula de oferenda (p. 46; cf. Id., pp. 170-173: «Excursus B. The Formula of Offering employed in the Funerary Cult»),

embora, como se deduz da comparação, a ordem temática do grande filólogo de Oxford tenha sido alterada por Davies quanto aos dois últimos casos.

O imenso, longo e exaustivo trabalho que conduziria à decifração da escrita hieroglífica é recordado em 5. *Decipherment* (pp. 47-56), remontando as tentativas a tempos bem anteriores ao êxito de Champollion. A resenha histórica recua até à época de Diodoro da Sicília e, galgando os anos, à ambígua *Hieroglyphica* de Horápolo e aos insucessos do esforçado Athanasius Kircher. Os desaires de alguns frustes tentames ao longo do século XVIII (J. Barthélemy) culminaram no achamento da famosa pedra de Roseta no decurso da expedição bonapártica ao Egipto (a pedra merece uma reprodução em grande formato na p. 49), aleatoriedade que marcaria o início de uma nova e decisiva fase na interpretação dos até àquela altura misteriosos signos hieroglíficos. Depois de mencionar os esforços de Sylvestre de Sacy, Johan Akerblad e Thomas Young, o Autor detém-se com alguma minudência nas várias fases conduzidas por Champollion até ao assomo final da redacção da sua *Lettre à M. Dacier* (1822). O fundador da Egiptologia merece a imagem da p. 53, em baixo da qual se reproduz o «Tableau des Signes Phonétiques» desenhados pelo próprio Champollion com os seus correspondente signos gregos e demóticos.

O último capítulo traz-nos 6. *Borrowings* (pp. 57-62), com a informação e a documentação que baste para nos apercebermos como alguns dos signos hieroglíficos (eles eram centenas...) originaram novas formas, por vezes em desajeitadas adaptações, forjadas por várias populações vizinhas do Egipto para elaborarem os seus próprios códigos de escrita. A influência inspiradora de certos signos egípcios torna-se evidente em quadros como o que exhibe a p. 59 (table 2), com a correspondência entre os signos proto-sinaíticos e os modelos egípcios. O quadro da p. 60 (table 3) mostra-nos a correspondência entre os protótipos hieroglíficos egípcios e as subsequentes formas dos signos proto-sinaíticos, do alfabeto fenício, grego primitivo, grego clássico e latino. Na p. 61 vemos os signos hieroglíficos que estiveram na base da criação do silabário meroítico (table 4; segundo Hintze).

Finalmente uma lista bibliográfica (p. 63), capaz de proporcionar ao leitor desejoso de ir mais além no estudo da escrita hieroglífica boas pistas para uma aprendizagem a outro nível, fecha bem esta Obra de comedido arranjo e louváveis propósitos. Tais propósitos resumiam-se a fornecer as bases para a compreensão da escrita hie-

roglífica: elas aqui ficam dadas em seis capítulos bem construídos e que alguns breves reparos não beliscam.

Os breves reparos consistem, tão-somente, em chamar a atenção para a desproporção relativa do signo determinativo  (pedra), o qual  exemplo que é dado se apresenta como a unilítera sibilante  š (p. 34); a frase apresentada como paradigma na p. 35 é detalhadamente explicada em termos das funções desempenhadas pelos signos que nela entram, mas mereceria igualmente um esclarecimento a transposição gráfica que se verifica logo no início da frase em questão:    wd; na p. 42 vemos a apresentação de-sequilibrada de   pr c3, quando ficaria melhor  pr c3 para se harmonizar com a apresentação estética dos exemplos que se seguem (como de resto se pode ver em perfeito grafismo na p. 45); na p. 48 nota-se a falta, por duas vezes, dos sinais diacríticos sob o k, para a formação da oclusiva gutural  k em  hnk̄t (ceryeja), com o vocábulo apresentado como ideograma.

São pequenos detalhes que não chegam, obviamente, para merecer tão bem conseguida iniciação ao conhecimento do sistema hieroglífico: possa ela entusiasmar os interessados que deverão, contudo, precaver-se contra os perigos de um autodidactismo eventualmente obnubilante.

Luís Manuel de Araújo

Revista de Estudios de Egiptología (REE), 1, Programa de Estudios de Egiptología, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Buenos Aires, 1990, 96 pp. ISSN 0327-3822

Com júbilo se saúda o aparecimento de uma nova publicação de temática egiptológica, vinda da Argentina. A nova *Revista de Estudios de Egiptología (REE)* tem por directora Perla Fuscaldo e como secretária Violeta Pereyra de Fidanza, sendo o seu comité editorial constituído por Alicia Daneri de Rodrigo e Jorge Bedoya.

A edição está ligada ao Programa de Estudios de Egiptología (Conselho Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) que tem igualmente por directora Perla Fuscaldo, sendo este primeiro número dedicado à memória do Professor Abraham Rosenvasser (1896-1983), o iniciador dos estudos egiptológicos na Argentina. De resto, as investigadoras que colaboram no referido Programa e na